

24/10/96 C-3  
264

Manaus, quinta-feira, 24 de outubro de 1996

BRASIL

a crítica 11 C3

# Índios estão passando fome em Belém

Os 2 milhões de reais gastos na Semana da Amazônia, realizada pelo Governo brasileiro, em Nova Iorque, são reclamados agora pelos índios

BELÉM (AJB) — Um grupo de 23 índios, pertencentes a várias tribos da Amazônia, está passando fome em Belém, praticamente transformado em indigente. No último final de semana, esses indígenas, que estão hospedados na sede do Serviço de Assistência Indígena (SAI), no distrito de Icoraci, a 30 quilômetros do Centro, tiveram que se contentar com apenas um frango com arroz servido para todo o grupo. A maioria deles está doente e não recebe assistência da Funai, por absoluta falta de recursos. Nem medicamentos são colocados à disposição dos índios.

O administrador da Casa do Índio (como é mais conhecido o SAI), Oscar Bahia, para não ver os índios morrerem de fome, tem comprado alimentos para eles com seus próprios recursos, que são bastantes limitados. Domingo e ontem, a ração à base de frango, arroz e macarrão se repetiu. Eram quatro frangos para os 23 índios. Quando almoçam, eles não jantam.

Eu não vim aqui para passar fome, eu nunca passei fome em toda minha vida', queixa-se Maria Lopes Curuaia, de 53, que veio de Altamira, a 550 quilômetros de Belém, para fazer uma biópsia do fígado. Ela quer voltar o mais rápido possível para as matas do Rio Xingu, onde encontra caça, peixes e frutos em abundância. Mas, com suspeita de ter câncer no fígado, teme não completar o tratamento e vir a morrer.

O mesmo dilema enfrentam seus 22 companheiros, de etnias di-

ferentes, também com sérios problemas de saúde. Mas sabem que, submetidos a regime de fome, também não terão muitas chances de sobreviver. Seis são crianças com cinco anos de idade. Quem conhece a característica de cada tribo a que pertencem esses indígenas, fica indignado com o martírio que estão passando.

Os curuaias são índios guerreiros, valentes em todos os sentidos e nunca se deixaram dominar completamente pelos invasores brancos.

**Os índios não têm assistência médica e quando almoçam não jantam, diz o administrador**

Os mudurucus, de espírito beligerante, parecem reduzidos a trapos humanos. Os orgulhosos assurini, porém, de índole pacífica, já não conseguem mais produzir o seu bellissimo artesanato. Há ainda índios das tribos Oiampi, do Amapá, Waiwai, de Oriximiná e os Xipaia, todos passando por dificuldades extremas, que jamais experimentariam não fosse o contato com os brancos.

Eles tem câncer, artrose, problemas renais e infecções. Estão condenados a morrer como bichos ou, no caso do Brasil, como a maioria das pessoas sem renda, sem teto e sem esperança.

Oscar Bahia e a chefe do serviço médico da Funai, Graça Kaminski, consideram que a única alternativa é Brasília enviar recursos. Mas, o ministro da Justiça, Nelson Jobim, a quem a Funai está subordinada, passou anteontem por Belém e nem quis saber dos índios. Se eles morrerem a mingua, como é previsível a permanecer esta situação, custarão tão caro para a imagem do governo quanto o massacre dos sem-terra no Sul do Pará.

A Casa do Índio teve o fornecimento de víveres e medicamentos cortados porque não tem honrado os pagamentos. Nem combustível para os carros existe mais. Para levar um índio a um hospital ou clínica, os funcionários têm que desembolsar o dinheiro da gasolina e só o fazem por uma questão de humanidade.

O índio Piná Também, de 30 anos, inconformado com a situação, foi até à Universidade Federal do Pará pedir ajuda aos professores. Conseguiu, anteontem, R\$ 171,00 de doativos. Ele criticou o governo por ter gasto quase R\$ 2 milhões para promover a semana da Amazônia em Nova Iorque, em agosto, e não ter dinheiro, agora, nem para garantir o tratamento de saúde dos índios. Uma assistente social esteve em Brasília, mas voltou sem conseguir nenhum tipo de ajuda.

